

ATIVIDADES EXTENSIONISTAS JUNTO A UMA EQUIPE DE CONSULTORIA EM CUIDADOS PALIATIVOS

**ADRIÉLI TIMM OLIVEIRA¹; CRISTIANE BERWALDT GOWERT²; JULIANA
ZEPPINI GIUDICE³; ANA CRISTINA FRAGA DA FONSECA⁴; VANESSA
PELLEGRINI FERNANDES⁵; FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO⁶**

¹ Universidade Federal de Pelotas – adrielioliveira85@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cristianebergowert@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - juliana_z.g@hotmail.com

⁴ Hospital Escola UFPel/ EBSERH - anacfragafonseca@gmail.com

⁵ Hospital Escola UFPel/ EBSERH - nessapfernandes@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – franciele.cordeiro@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O processo de morrer e a morte têm centralizado importantes debates públicos desde os anos 2000. Em diferentes países, discute-se a necessidade de cuidar de pessoas que vivenciam tais processos, evitando-se o prolongamento da dor, do sofrimento e do investimento em terapias que não resultam em benefícios e qualidade aos dias vividos. Desde 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o acompanhamento precoce, por meio de cuidados paliativos, para pessoas acometidas por doenças graves e que ameaçam a continuidade da vida, seja para crianças, adultos ou idosos (WPCA, 2014).

Os cuidados paliativos tratam-se de uma abordagem multidisciplinar que tem como objetivo “a prevenção e alívio do sofrimento por meio de identificação precoce, avaliação impecável, tratamento da dor e outros problemas físicos, psicossociais e espirituais” (WHO, 2017, s/p). Nesse contexto, o enfermeiro mostra-se como profissional estratégico na promoção do acompanhamento digno e do cuidado que alivie o sofrimento durante as fases finais da vida, tanto do doente como de sua família. O enfermeiro pode atuar tanto como educador em relação aos cuidados com a higiene, o conforto, a alimentação e o manuseio com dispositivos, como pode realizar diretamente cuidados. Além disso, por ser um profissional que frequentemente tem vínculo estreito com os doentes e as famílias, pode realizar escuta terapêutica e identificar demandas a serem encaminhadas e abordadas de maneira multidisciplinar (FIRMINO, 2012).

No cenário atual, mostra-se crescente a necessidade de formação dos estudantes de enfermagem e das demais áreas da saúde para a atuação em cuidados paliativos. Esse processo formativo pode ser fomentado pela oferta de disciplinas específicas sobre o tema nos cursos de graduação ou a partir de vivências junto aos pacientes, familiares e aos profissionais atuantes na área, as quais podem ser viabilizadas por atividades extensionistas.

A cidade de Pelotas tem sido considerada referência nacional em se tratando de serviços que têm instituído a filosofia dos cuidados paliativos, sendo esses oferecidos através do Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI), o Programa Melhor em Casa, o Ambulatório de Cuidados Paliativos, a Unidade

Cuidativa, a Equipe de Consultoria em Cuidados Paliativos do Hospital Escola UFPel/EBSERH e, em fase de construção, o *hospice*.

Frente ao exposto, reconhecendo-se a importância da formação em e da difusão dos cuidados paliativos, este trabalho tem por objetivo relatar as atividades extensionistas realizadas por acadêmicas de enfermagem junto a uma equipe de consultoria de cuidados paliativos.

2. METODOLOGIA

Trata-se dos resultados referentes às primeiras etapas do projeto de extensão intitulado “*A consulta de enfermagem como instrumento de cuidado às pessoas com doenças que ameaçam a vida e suas famílias*”, o qual está devidamente regulamentado na Universidade Federal de Pelotas e tem execução prevista entre maio/2018 e junho/2020. O projeto desenvolve-se em articulação com o projeto de ensino “*Grupo de Estudos sobre Adoecimento e Final de Vida (GEAFI)*”, sendo realizado no Hospital Escola UFPel/EBSERH.

Na primeira etapa, realizada em maio de 2018, ocorreram diálogos com os responsáveis pela coordenação de Enfermagem do Hospital Escola UFPel/EBSERH, momento em que foi apresentada a proposta do projeto. Na segunda etapa, realizada entre maio e setembro de 2018, acontecem encontros quinzenais com acadêmicos de enfermagem e profissionais de saúde que podem vir a integrar o projeto. Estes encontros desenvolvem-se concomitantemente aos encontros do GEAFI. Além disso, nesta fase, está sendo elaborado um instrumento de avaliação que servirá como guia para as consultas de enfermagem junto às pessoas com doenças que ameaçam à vida e suas famílias, as quais serão desenvolvidas por acadêmicos de enfermagem. Visando aproximar os acadêmicos dos aspectos práticos da comunicação e relacionamento com o público do projeto, no presente momento acadêmicas de enfermagem que integram o projeto têm acompanhado alguns profissionais que atuam na Equipe de Consultoria em Cuidados Paliativos do Hospital Escola UFPel/EBSERH. Tais acompanhamentos se dão pelo período de, no máximo, 20 horas, sendo previamente agendados com profissionais do serviço o melhor turno e dia para realizar as atividades. A importância deste acompanhamento para as acadêmicas e as profissionais de saúde, bem como seus reflexos no processo de integração ensino/serviço e formação serão detalhados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acompanhamento junto à equipe de consultoria teve início em 23 de julho. Tal atividade oportunizou às acadêmicas a desenvolverem e agregarem conhecimentos a respeito de como abordar os pacientes e seus familiares e um melhor entendimento da temática na prática, podendo ser evidenciados e ou confrontados os achados da literatura. Foi possível realizar uma aproximação entre acadêmicos/equipe de saúde/pacientes. Além disso, durante esse período, foi identificado uma grande fragilidade de conhecimentos acerca da temática pelos

pacientes e familiares. Em contrapartida, pode ser percebido a importância dessa modalidade de cuidado visto a promoção de conforto aos pacientes.

Foram acompanhadas as consultas de rotina e os pedidos de novas consultorias. Durante as consultas, a equipe realizava o atendimento de maneira multidisciplinar, ou seja, em cada abordagem havia pelo menos dois profissionais de saúde, sendo eles a médico, a enfermeira e o psicólogo. Assim, observou-se que tais profissionais procuram identificar as demandas dos pacientes, buscando solucioná-las. Os pacientes em cuidados paliativos eram de diversas faixas etárias, entre os diagnósticos estavam neoplasias, esclerose lateral amiotrófica, doença pulmonar obstrutiva crônica e meningite criptocócica. As demandas de ordem emocional foram prevalentes em grande parte dos casos, o que traz a tona a necessidade de um cuidado integral que abranja todas as dimensões do indivíduo.

Tendo em vista que, a necessidade emocional dos pacientes em final de vida encontra-se na maioria das vezes afetada, um dos fatores imprescindíveis para que ocorra o suporte emocional é manter o vínculo com a espiritualidade. Sendo assim, a equipe conta com o apoio de um capelão, que atua no intuito de potencializar a espiritualidade desses pacientes, independentemente da religião. Cabe salientar que valorizar a dimensão espiritual não é uma questão de crer ou não em Deus mas de, sobretudo, considerar a realidade subjetiva e social que tem uma existência objetiva, ou seja, configurar um sentido a sua existência. Sendo assim, a compreensão do ser humano como um ser integral e, a dimensão espiritual é parte integrante do indivíduo, sendo fundamental na forma de pensar, agir e, por consequência, no modo de cuidar ou cuidar-se (ARRIEIRA *et al*, 2017).

Durante a formação nos cursos da área da saúde ainda é incipiente a abordagem dos cuidados paliativos e os cuidados durante o processo de morrer. Segundo Costa, Poles e Silva (2016) existem iniciativas pontuais de trabalho deste tema, porém, essas não suprem a demanda de conhecimento sobre o assunto e levam os acadêmicos a procurarem grupos extraclasses para se aprofundar no tema. Outro aspecto importante e deficiente na formação acadêmica é o enfrentamento do processo de morte e morrer, visto que a morte desperta diversos sentimentos e angústias (OLIVEIRA *et al*, 2016).

Essa desenvoltura de sentimentos e angústias se dá devido a uma negação da morte como parte integrante da vida gerando um distanciamento dos profissionais pela fuga dos próprios medos. Além disso, a morte é abordada de maneira negativa através do seu oposto, ou seja, a manutenção do corpo vivo pelo emprego de todos esforços profissionais e tecnológicos possíveis. Dessa forma, gerando um paradoxo entre os profissionais de saúde, pois oscilam entre necessidades igualmente prementes de manter a pessoa viva a todo custo, e ao mesmo tempo, ajudá-la a morrer da maneira mais tranquila e digna possível (BELLATO *et al*, 2007).

4. CONCLUSÕES

Ao possibilitar às acadêmicas de enfermagem um espaço de formação em relação aos cuidados paliativos, por meio de vivências práticas, acredita-se ser possível modificar o olhar e o entendimento que os estudantes têm sobre a morte e

o morrer. A partir das vivências, as estudantes despertam a atenção para as diferentes dimensões que envolvem o cuidado às pessoas com doenças que ameaçam a continuidade da vida e de suas famílias, deslocando as prioridades de cuidados, as quais tendem a centrar-se nos aspectos físicos, para uma abordagem integral, holística e humana. Finalmente, considera-se primordial o contato das acadêmicas com as profissionais de saúde da equipe de consultoria em cuidados paliativos, já que essa aproximação repercute no estreitamento das relações entre o meio universitário e os serviços que prestam assistência direta para a comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIERA, I.C.O.; THOFERHN, M.B.; ACHAEFER, O.M. et al. O sentido do cuidado espiritual na integralidade da atenção em cuidados paliativos. **Rev Gaúcha Enferm.** v.38, n.3, p.1-9, 2017.

BELLATO, R.; ARAÚJO, A.P.; FERREIRA, H.F. et al. A abordagem do processo de morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação de enfermagem. **Acta Paul Enfermagem.** v.20, n.3, p.255-263, 2007.

COSTA, Á. P., POLES, K. e SILVA, A. E. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. v. 20, n. 5, pp. 1041-1052, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0774>>. Acesso em 29 ago 2018.

FIRMINO, F. O papel do enfermeiro na equipe. In: ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP.** 2 ed. São Paulo: ANCP, 2012. p. 35-36.

OLIVEIRA, E. S. et al. O processo de morte e morrer na percepção de estudantes de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFPE on line** , [SI], v. 10, n. 5, p. 1709-1716, apr. 2016. ISSN 1981-8963. Disponível em:
< <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13546/16319> >
Acesso em 29 ago 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Palliative care is an essential part of cancer control.** WHO, 2017. Disponível em :
<http://www.who.int/cancer/palliative/en/>. Acesso em 5 Jan. 2018.

WORLDWIDE PALLIATIVE CARE ALLIANCE (WPCA). **Global Atlas of Palliative Care at the End of Life.** WPCA, 2014. Disponível em :
<http://www.thewhPCA.org/resources/global-atlas-on-end-of-life-care> Acesso em 5 jan. 2018.